



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E  
LITERATURAS  
MONOGRAFIA EM LITERATURA

*Nova leitura de Lobato*

Regina Lemos de Souza

Orientadora  
Ana Cláudia da Silva

Brasília  
2/2015



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E  
LITERATURAS  
MONOGRAFIA EM LITERATURA

***Nova Leitura de Lobato***

Regina Lemos de Souza

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas – TEL, do Instituto de Letras – IL, da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em Letras – Português (Língua Portuguesa e Respectiva Literatura).

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cláudia da Silva

Brasília – 2015

*Ao meu pai!*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço às energias boas, que, de uma certa forma, me guiaram até aqui.

À minha família, que esteve me apoiando em corpo e alma em qualquer uma de minhas decisões. Obrigada, José, Mônica, Júnior, João Vitor, Angélica e Mateus.

À minha família de luz, que nesses cinco anos me acolheu em um lar de amor e paz. Obrigada Kaco, Marina, Mariana e Mateus.

A todos os meus amigos e amigas, que souberam me motivar a continuar a trajetória. Obrigada Almir, Guilherme, Bauer, Naiara, Kamila e Ariamy.

Às minhas colegas de luta, mais que amigas, que caminharam comigo. Obrigada, Thais, Mariana e Bárbara.

Aos Doutores, que iluminaram minha jornada. Obrigada, Anderson, Ana Laura, Edileusa, Rosana e Walquiria.

À orientação de Ana Cláudia, que, mesmo com toda dificuldade desse semestre, soube ser atenciosa e paciente.

E ao meu grande amor: à literatura.

## RESUMO

Esse estudo pretende analisar duas obras de Monteiro Lobato, *As Caçadas de Pedrinho* e *Histórias de Tia Nastácia*, com o intuito de afirmar a potência criativa do autor e problematizar as estruturas e passagens de cunho racista em âmbito institucional e cultural. Levanta também a necessidade da permanência dessas obras no ambiente escolar atreladas à crítica e discussão. Salienta, por fim, a importância da representação do povo Negro como agentes de suas histórias, assim como são, para uma possível desconstrução de estereótipos já naturalizados na educação brasileira.

Palavras-chave: Racismo, Representação, Negro (a), Tia Nastácia e Monteiro Lobato.

## ABSTRACT

This study intends to analyze two books of Monteiro Lobato literary work, *As Caçadas de Pedrinho* and *Histórias de Tia Nastácia*, in order to confirm the creative power of the author and to problematize the racist passages and the structures in a institutional and cultural level. It also raises the necessity of permanence of these literary works in the school environment attached to criticism and discussion. Finally, it stresses the importance of black people's representation as agents of their own stories, as they are, in order to be a possible deconstruction of stereotypes already naturalized in brazilian education.

Keywords: Racism, Representation, black people, Tia Nastácia and Monteiro Lobato.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO 1 – FORTUNA CRÍTICA .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 2 – LOBATO EM DUAS OBRAS .....</b>	<b>18</b>
<b>CAPÍTULO 3 – ENEGRECER.....</b>	<b>25</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>31</b>

## INTRODUÇÃO

O Programa Nacional Biblioteca nas Escolas (PNBE), financiado pelo Fundo Nacional de Educação (FNDE), tem como objetivo abastecer as escolas com materiais para leitura: obras literárias; de referência; e livros para pesquisa. Não estão aqui envolvidos os livros didáticos, pois estes pertencem a outra, mais antiga, emenda federal.

São contempladas todas as faixas escolares: Educação Infantil, incluindo as creches; ensino Fundamental; ensino Médio e o ensino de Jovens e Adultos (EJA). Segundo o site<sup>1</sup> do programa:

Todas as escolas públicas cadastradas no censo escolar realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) são atendidas pelo programa sem necessidade de adesão.

A distribuição ocorre de maneira alternada, em anos pares são contempladas as escolas de nível infantil e as primeiras séries do Fundamental. Já nos anos ímpares o restante das faixas auferem suas obras.

O mesmo censo que contabiliza as escolas públicas, tem o papel de mapear o funcionamento da instituição, sendo assim, entre outros dados, sabe-se quais são as obras que a escola já dispõe. Dessa forma, este é o primeiro passo para o levantamento de livros que serão distribuídos.

Diferentemente da escolha dos livros didáticos, os professores das instituições que obterão as obras não fazem parte do processo seletivo.

Logo em seguida, abre-se um edital para que autores, editoras e portadores dos direitos autorais inscrevam suas obras no programa, essas são analisadas por pesquisadores de instituições públicas de ensino superior tendo como base as necessidades levantadas pelo censo e as diretrizes existentes no edital.

Uma das normas que deve ser seguida na análise e escolha das obras que irão para a escola, e talvez a mais importante para o presente estudo, é:

Os textos deverão ser eticamente adequados, evitando-se preconceitos, moralismos, estereótipos.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup><http://www.fnede.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola-apresentacao>

<sup>2</sup>[file:///D:/Arquivos/Downloads/edital\\_pnbe\\_2006.pdf](file:///D:/Arquivos/Downloads/edital_pnbe_2006.pdf)



Esta está presente no edital a partir da segunda edição (2006) até o mais atual.

Monteiro Lobato é uma autor canônico e premiado quando se trata de literatura infantil, dessa forma, é um nome sempre muito cotado para se montar um acervo escolar, sendo assim, sempre passou pelos critérios de avaliação do programa. Porém, como um homem de seu tempo – o que não diminui a força do preconceito- sua obra apresenta várias falas racista e eugênicas.

Tendo como base a diretriz antes citada, os livros de Monteiro Lobato realmente não poderiam constar. Por esse motivo, mais precisamente pela obra *As caçadas de Pedrinho*<sup>3</sup> o mestre em Gênero Raça/Etnia e Juventude, na linha de pesquisa em Educação das Relações Raciais. Antônio Gomes da Costa Neto, brasileiro, Técnico em Gestão Educacional da Secretaria do Estado da Educação do Distrito Federal processa o PNBE com a seguinte solicitação que consta no parecer<sup>4</sup>:

O solicitante encaminha denúncia no sentido de se abster a Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal de utilizar livros, material didático ou qualquer outra forma de expressão que, em tese, contenham expressões de prática de racismo cultural, institucional ou individual na Educação Básica e na Educação Superior do Distrito Federal.

Uma ação legítima, já que o edital busca que não se apresente nenhuma temática preconceituosa e/ou estereotipada, porém a questão é: realmente a melhor decisão é excluir livros que têm a conduta racista da vida escolar dos alunos? E se esse tipo de leitura for excluída da escola o aluno estará preparado para falar sobre ela quando aparecer fora? Resolver o preconceito: trata-se então de fingir que ele não existe, ou- pior- que ele não existiu?

O Conselho Nacional de Educação (CNE) acata a solicitação, pois percebe a temática existente na obra. O parecer apresenta uma conclusão muito coerente, pois lida com a manutenção das narrativas com um viés crítico:

Sendo assim, é necessária a indução dessa política pública, pelo Governo do Distrito Federal, junto às instituições de ensino superior, com vistas a formarem professores que sejam capazes de lidar com esse tipo de situação no cotidiano

---

<sup>3</sup>LOBATO, Machado

<sup>4</sup><http://www.centrodestudos.com.br/artigos/Parecer%20Lobato.pdf>

escolar. A obra CAÇADAS DE PEDRINHO só deve ser utilizada no contexto da educação escolar quando o professor tiver a compreensão dos processos históricos que geram o racismo no Brasil. Isso não quer dizer que o fascínio de ouvir e contar histórias devam ser esquecidos; deve, na verdade, ser estimulado, mas há que se pensar em histórias que valorizem os diversos segmentos populacionais que formam a sociedade brasileira, dentre eles, o negro.

Porém, desde 2010, o único ato realizado pelo governo federal foi a interrupção da distribuição de *As Caçadas de Pedrinho*. Não recolhendo das escolas que já tinham recebido e nem mesmo preparando os profissionais de educação para lidarem com esse tipo de narrativa.

Diante disso, o presente estudo busca problematizar a total exclusão de obras, com ênfase em Monteiro Lobato, que tenham teor racista das bibliotecas e grades escolares, pois enxerga como dar as costas a um problema sem questioná-lo. Para isso será feita a análise de duas obras de Monteiro Lobato: *As caçadas de Pedrinho*; *Histórias de tia Nastácia*. Será levantado a importância do autor para o universo literário sem fechar os olhos para o seu discurso. E abordado a necessidade primordial de se falar de questões raciais dentro de sala de aula para que um dia, por meio da educação, o racismo possa ser desconstruído, afinal, toda construção social pode ser desfeita.

## FORTUNA CRÍTICA

Em meio às discussões acerca da polêmica, e até as anteriores a este acontecimento, é comum haver no meio acadêmico posicionamentos deveras distintos ao se estudar Monteiro Lobato. Existem autores que o colocam em um lugar de fala racista, e por isso sua obra deve ser desconsiderada, e aqueles que a consideram impecável, e dessa forma é inadmissível que seja racista, ou, quando estes admitem a fala, a ignoram, ou desvalidam.

Porém o limbo nesse aspecto, principalmente por se tratar de uma obra literária, parece um posicionamento interessante. Afinal, Será que não seria possível haver –então– uma literatura de qualidade, mas que apresente um discurso eugênico e, obviamente, racista?

Não há dúvida que as obras de Lobato, principalmente as infantis e infanto-juvenis, são muito bem escritas e ambientadas. Marisa Lajolo<sup>1</sup>, estudiosa de Lobato, apresenta um panorama em que levanta aspectos importantíssimos diante das obras Lobatianas tanto em forma quanto em conteúdo.

Segundo a autora, Lobato quebra um paradigma hierárquico existente na literatura e fora do mundo artístico: o silenciamento infantil. Pois, em lobato, principalmente no Sítio do Pica-Pau Amarelo, a criança tem autonomia no pensamento e nas atitudes e, além disso, espaço e lugar de fala. As crianças em lobato são os personagens que apresentam virtudes que não se espera, como coragem e esperteza.

Outra característica apontada pela autora é a desenvoltura com a linguagem usada pelo autor. Esse, que teve alguns problemas com a língua padrão na escola, se tornou um grande alquimista das palavras. Fazendo uso de neologismos, coloquialidade, falta de linguagem rebuscada e metáforas quando necessário. Usando a língua de maneira viva e

---

<sup>1</sup>Marisa Lajolo tem Bacharelado e Licenciatura em Letras (Universidade de São Paulo ,1967), Mestrado (USP, Teoria Literária e Literatura Comparada, 1975), Doutorado ( USP,Teoria Literária e Literatura Comparada, 1980) sob orientação de Antonio Candido. Tem Pós Doutorado ( Brown University ). Estudiosa de Monteiro Lobato

maneável. Dando a linguagem um caráter de proximidade com o seu leitor.

Outra característica no estilo lobatiano, que dá mais força a essa proximidade com seus pequenos, é a metalinguagem, meio em que o texto se explica, algo que se mostra fundamental quando se pretende inserir a criança por completo ao universo que ali será criado.

Essa defesa do direito de inventar, desinventar e transformar a linguagem de que se vale Monteiro lobato também se manifesta no que talvez se possa chamar de *nível discursivo* da sua obra. Neste outro plano, metalinguagem, intertextualidade, consciência do leitor e oralidade merecem menção, pela constância com que se manifestam e pelos fabulosos efeitos de sentido que criam.<sup>2</sup> (Grifo dela)

Lobato não deixa de ser um escritor realista, mesmo no âmbito do fantástico. O que é a cabeça de uma criança senão um mundo de faz de conta partindo da realidade? A invenção tanto de palavras quanto de conceitos, contextos e histórias é muito presente no universo infantil, sendo assim, o autor fazer uso desses recursos deixa a suas obras realistas partindo do viés de quem as lê.

O conteúdo dos escritos lobatianos é bastante didático e informativo. Vai às gramáticas, histórias, geografias, aventuras e aritmética sempre com o mesmo tom coloquial, antes citado, e com ludicidade nas novas descobertas tanto para as crianças de dentro da narrativa, quando para as de fora.

Ainda assim, mesmo com todas essas características primorosas dentro da estilística lobatiana, é difícil fugir, ou mesmo ignorar que há em sua literatura traços opressores, naturalizastes e excludentes aos Negros e Negras. Que em nenhum momento –mesmo com o apontamento de autores para uma possível ambiguidade na interpretação– parece dizer qualquer outra coisa.

Afinal, Por meio dos discursos do próprio, encontrado em cartas, não é segredo que este defendia a Eugênia, teoria que prega o melhoramento, ou a purificação, de raça por meio da reprodução. Toda teoria eugênica não consegue, de maneira alguma, não ser

---

<sup>2</sup> Lobojo, Marisa; linguagem *na e da* literatura de Lobato; in Monteiro lobato, livro a Livro; 2008

racista.

*País de mestiços, onde branco não tem força para organizar uma Kux-Klan (sic), é país perdido para altos destinos. [...] Um dia se fará justiça ao Ku-Klux-Klan; tivéssemos aí uma defesa desta ordem, que mantém o negro em seu lugar, e estaríamos hoje livres da peste da imprensa carioca — mulatinho fazendo jogo do galego, e sempre demolidor porque a mestiçagem do negro destrói a capacidade construtiva.*<sup>3</sup>

*Dizem que a mestiçagem liquefaz essa cristalização racial que é o caráter e dá uns produtos instáveis. Isso no moral — e no físico, que feiura! Num desfile, à tarde, pela horrível rua Marechal Floriano, da gente que volta para os subúrbios, que perpassam todas as degenerescências, todas as formas e má-formas (sic) humanas — todas, menos a normal. Os negros da África, caçados a tiro e trazidos à força para a escravidão, vingaram-se do português de maneira mais terrível — amulutando-o e liquefazendo-o, dando aquela coisa residual que vem dos subúrbios pela manhã e reflui para os subúrbios à tarde.*<sup>4</sup>

*Meu romance não encontra editor. [...]. Acham-no ofensivo à dignidade americana. [...] Errei vindo cá tão verde. Devia ter vindo no tempo em que eles linchavam os negros.*<sup>5</sup>

Sendo assim, a relação de Lobato com o Negro não só em seu eu-lírico, mas como pessoa pública, não era muito amigável e cuidadosa, partindo desse ponto de vista vamos às obras. A ênfase será dada às obras infantis/ infanto-juvenis, muito embora a análise caiba às poucas, e por isso menos conhecidas, obras para o público adulto.

Paula Botelho Briglia Habib<sup>6</sup> em “*Eis o Mundo encantado que Monteiro Lobato Criou*” : *Raça, eugenia e nação*, analisa diferentes aspectos nas obras de Monteiro Lobato, entre eles a representação do Negro.

---

<sup>3</sup> Carta a Arthur Neiva de 10 de abril de 1928

<sup>4</sup> Carta ao escritor Godofredo Rangel, de 1908.

<sup>5</sup> Carta ao escritor Godofredo Rangel, sobre o romance O choque das raças ou o presidente negro, que Lobato pretendia publicar nos Estados Unidos. O livro relata um embate racial com a vitória final da “superioridade branca”

<sup>6</sup> Possui doutorado em História das Ciências (COC/FIOCRUZ) e Mestrado em História Social pela Unicamp (2003)

Habib, ao levantar o Negro na obra de Lobato pensa junto à Heloisa Toller<sup>7</sup> que aponta na literatura a existência de traços do período escravocrata e colonizador, características que estão bem marcadas nas obras lobatianas.

Em sua tese, Habib também acompanha Lobojo, antes citada, no estudo de *Negros e Negras em Lobato*, mas se difere desta quando Lobojo assume que pode haver uma ambiguidade nas colocações lobatianas, afinal Habib não hesita em nenhum instante em levanta-lo como um autor racista.

Para chegar a essa denominação a autora levanta pontos cruciais na trajetória narrativa infantil lobatiana: papel; e lugar do negro.

É muito corriqueiro que as análises a respeito de Lobatos coloquem que as falas racistas sempre saem de Emília, a dona das asneiras. De fato as falas mais agressivas e esdruxulas são da boneca, como:

Pois cá comigo - disse Emília- só aturo estas histórias como estudos da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e até bárbaras  
- coisa mesmo de negra beijuda, como Tia Nastácia. Não gosto, não gosto, e não gosto !  
- Bem se vê que é preta e beijuda ! Não tem a menor filosofia, esta diaba. Sina é o seu nariz, sabe ? Todos os viventes têm o mesmo direito à vida, e para mim matar um carneirinho é crime ainda maior do que matar um homem. Facínora !  
- Emília , Emília ! - ralhou Dona Benta.  
A boneca botou-lhe a língua

Mas, segundo a autora e amparada por estudos de Marisa Lajolo, o racismo também está diluído nas falas de outros personagens e na estrutura da obra – talvez seja mais difícil perceber pois estão emaranhadas a uma naturalização do preconceito, de um “papel” e “lugar de fala” de um negro-, mas basta abrir os olhos para o formato estrutural quando se tratando dos personagens negros no Sítio do Pica Pau Amarelo.

---

<sup>7</sup>Licenciada em Letras Anglo Germânicas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1964), com mestrado em Literatura Brasileira (1977) e doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1989)

Há poucos personagens Negros em toda a obra, os mais relevantes são Tia Nastácia e Tio Barnabé.

Tia Nastácia, que é o recorte deste estudo por ser quem aparece nas obras escolhidas, sempre está em uma posição de subserviência, acorrentada à cozinha, às atividades domésticas e à falta de instrução. Tanto quando está no sítio, ou quanto, nas raras vezes, sai para acompanhar a turma.

Tio barnabé é deveras coadjuvante, um homem, Negro e pouco letrado como demonstra em sua fala, que serve para os trabalhos braçais externos. Não cabe à ele também uma morada dentro da “casa grande” e sim um casebre perto do riacho. Bem aos moldes escravocratas.

A Negra e o Negro não são personagens principais da narrativa como um todo e nem mesmo de suas próprias histórias, sempre as margens da vida e da cultura. Tendo a ignorância e ingenuidade como seus principais lugares de fala.

Todos os humanos do Sítio são banhados de qualidades: coragem, bravura e criatividade das crianças; Dona Benta com toda sua cultura, conhecimento e carga de leitura. Porém, não por acaso, os únicos personagens que apresentam defeitos são os personagens negros, como a ignorância e o desjeito em tarefas não braçais e, até mesmo, a intolerância. Calcado na teoria da eugenia não é difícil perceber qual seria a “melhor raça” para Lobato.

Realmente, é muito difícil acompanhar pensamentos que colocam Monteiro Longe do racismo e o pintam como crítico deste, afinal, sua fala eugênica fora do universo literário, continua permeando o mesmo discurso encontrado na obra. Porém, aponta-lo como racista não o desmerece como escritor. É facilmente perceptível boas e grandes características na obra de Lobato, como: a maneira realista e, ao mesmo tempo, mágica de comunicar-se com as crianças, saindo do universo e entrando no faz de conta, ou seja pensado inteiramente para as crianças, preocupando-se também com o aprendizado destas.

Como foi levantado anteriormente, a Linguagem de Lobato, tanto em forma como em conteúdo, apetece as criança. O fato de apresentar estereótipos racistas pode ser perigoso na formação infantil, afinal estamos lidando com pessoas que estão em uma fase de formação de caráter, sendo assim, as passagens podem naturalizar certos padrões e estereótipos de um pensamento racista.

A mídia, que é um dos maiores mediadores de significados atualmente, em sua grande maioria descorda de todo o levantamento de estereótipos acerca das obras.

Apontando, inclusive, que diversas pessoas cresceram lendo Lobato e não se tornaram racistas –será que não?-.

Em *Monteiro Lobato e o Politicamente Correto*, João Feres Júnior<sup>8</sup>, Leonardo Nascimento<sup>9</sup> e Zena Elsenberg<sup>10</sup> fazem um levantamento midiático de toda repercussão desenrolada pela polêmica, dada as análises perceberam que a mídia coloca Monteiro Lobato como uma não racista. Como apresentam a seguir:

A cobertura jornalística do *affair Caçadas de Pedrinho* também é caracterizada por uma relativa abundância de textos, 21 no total, que contêm alguma passagem na qual o caráter racista da obra e da figura de Lobato é descontado, relativizado, quando não inteiramente descartado. Um desses textos cita o "hipotético 'racismo' de Monteiro Lobato" (Niskier, 11/2/2012). Matéria do *Estado de Minas* diz que aquilo que está em seu livro "não significa racismo e preconceito" (Paulo, 30/10/2010). Reportagem da *Revista Época* declara que "ao contrário do preconceito flagrante em Céline ou Pound, o racismo de Lobato é bastante discutível" (Masson *et alii*, 6/11/2010). Texto assinado por Rolf Kuntz diz que o racismo é "uma estranhíssima acusação a Monteiro Lobato" (Kuntz, 15/6/2011). Em artigo para *O Globo*, Martha Neiva Moreira cita o "especialista" Ricardo Cravo Albin dizendo: "-Isso é patrulha ideológica. Cresci lendo Lobato e acho injusto dizer que ele era racista" (Moreira, 28/2/2011). Mas a afirmação mais peremptória vem de comentário do escritor Ruy Castro, reproduzido por Martha Neiva Moreira na mesma matéria: "As pessoas que acusam Monteiro Lobato de racismo e de querer 'extinguir a raça negra' certamente nunca leram uma linha do que ele escreveu" (Barrucho, 3/3/2012).

É claro que somente a leitura de determinada história não construirá paradigmas ou comportamentos, mas sem intervenções corretas para o rompimento da ignorância é muito provável que ajude.

A partir dessas indagações midiáticas, ou autores desenrolam um estudo que evidencia passagens racistas, tanto em sua trajetória literária, quanto em sua vida pública. Os autores-também- partem da eugenia, tão bem levantada por Habib, como ponto crucial para fundamentarem a posição política do discurso de Lobato que, assim como o presente

---

<sup>8</sup> Professor e pesquisador do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

<sup>9</sup> Doutorando em Sociologia no Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

<sup>10</sup> Professora-assistente no Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).



estudo, a considera óbvia quando em relação ao povo Negro.

Os autores conseguem vincular a qualidade da escrita Lobatina com os significados existentes em sua fala para então apontar a necessidade, ou não, do veto dessas obras na escola. Pensar no veto é importante em decorrência do perigo, antes apontado, mas vetar um nome na literatura é apagar parte da história. É fingir que muito não aconteceu.

Vetar algo, na escola ou fora dela, -principalmente se esse algo pertence a uma arte tão sublime e livre, que é a literatura- é censura. E isso na educação não cabe, não mais, mas, ao mesmo tempo, fechar os olhos pra questões tão sérias é – no mínimo- excluir uma raça de uma boa representação e isso não cabe, não mais.

Diante de Caçadas de Pedrinho, dos outros livros de Monteiro Lobato e de qualquer outra boa literatura, mas que apresente questões problemáticas cabe um cuidado especial, essas obras precisam ser trabalhadas de maneira crítica e problematizada. Tendo o professor como mediador dos possíveis significados.

Levantar e trabalhar assuntos *tabus*, neste caso o racismo, é, inclusive, muito saudável para que o indivíduo em formação perceba o quão violento pode ser o preconceito.

### **2. 1 As Caçadas de Pedrinho**

Breve resumo:

A narrativa se desenrola em uma aventura da turma do Sítio do Pica Pau Amarelo, eles (Pedrinho, Narizinho, Emília, Visconde de Sabugosa e Rabicó) vão até a mata caçar uma onça que estava aterrorizando os arredores, com muito custo conseguem matá-la e a levam para o sítio.

A caça é vista como algo memorável e vitorioso por parte dos meninos, e até das Senhoras do Sítio que, mesmo os recriminando pelo perigo sofrido, os veem como grandes heróis corajosos.

Como nada no Sítio pode se desenrolar facilmente, para vingar a morte da amiga, as outras onças organizam um ataque ao Sítio de Dona Benta pretendendo comer todos os moradores humanos de lá.

Por ter sido avisada da invasão com antecedência, a boneca conseguiu construir algo que pudesse salva-los das carnívoras. A boneca, que já é metida por natureza, consegue salvar a turma com maestria.

Há na trama mais uma aventura, Um rinoceronte fugido de um circo, que estava sendo procurado o Brasil inteiro, foi parar justamente na mata do Sítio. O primeiro alvoroço foi de medo, porém o animal, depois de encontrado pela turma, se mostrou muito dócil e amigo, dessa forma o sentimento passou logo para o de proteção. Mas logo descobrem que o rinoceronte tem dono e precisam devolve-lo.

Ambas as caçadas foram lideradas pelo menino Pedrinho que adora uma aventura, arquitetar planos, liderar o bando e sentir-se um grande herói como os que admirara ouvir em histórias.

#### **2.1.1Análise:**

As Caçadas de Pedrinho é um dos 23 títulos da coleção Sítio do Pica Pau Amarelo, publicado em 1933. Dividida em doze capítulos. Há na história duas caçadas, à onça e ao rinoceronte, dessa forma é comum que a crítica divida-o em duas etapas respectivas às aventuras.

A linguagem do livro é bem cotidiana e próxima do universo infantil, característica marcante nas obras de Monteiro Lobato. Isso traz um caráter muito dinâmico às obras Lobatianas. Segundo Jaqueline Negrine Rocha<sup>11</sup>, o dinamismo na obra vêm, além das minúcias da linguagem, pelo amadurecimento do narrador, segundo a autora nessa obra o autor já conhece o seu leitor e, por tanto, lida melhor com os personagens, encadeando os fatos da narrativa com mais cuidado.

Diversas vezes o narrador se dirige diretamente ao leitor:

A bala de pedra rolou a dois passos de distância, imaginem: Havia falhado a artilharia, na qual eles depositavam tantas esperanças. (pg 05)

Envolvendo ainda mais o leitor. Pois este parece tomar forma de um contador de histórias. E, além disso, diversas vezes o narrador, vai além da narrativa e expressa algum tipo de opinião acerca de determinado ponto. Parecendo haver intimidade com seus leitores:

Assim aconteceu. A dificuldade principiou com aquele negócio de Rabicó ter quatro pernas, em vez de duas, como todas as criaturas decentes — os homens, as galinhas, as escadas. *Rabicó tinha duas pernas mais que os outros, inutilíssimas pernas, porque se uma criatura pode viver muito bem com duas, ter quatro é ter pernas demais.* (pg 17)

Um obra metalinguística que consegue ser realista mesmo dentro do universo do “faz de conta”, afinal a fantasia faz parte do real infantil.

Dá voz e às crianças que são tão silenciadas em obras literárias, em que são apenas passivas às situações. No sítio as crianças são donas da cena. E da aventura.

Dessa forma, o autor rompe a hierarquia encontrada na dicotomia adulto/criança. Pois escreve partindo da mente infantil. Sem dúvidas o maior motivo de ter tantos leitores.

---

<sup>11</sup> Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho(2004).

### 2.1.2 Lugar da personagem negra:

O lugar de Tia Nastácia nessa obra é o mesmo que em toda a narrativa do Sítio do Pica Pau amarelo. A cozinha e a subserviência. Não é difícil, inclusive, que os leitores Lobatianos a definam como “rainha dos quitutes”.

Quando há voz à tia Nastácia fala-se de cozinha, ou algum comentário que ateste certo tipo de ignorância às questões culturais. Até mesmo pela maneira em que é grafado a fala dela.

A começar pelo vocativo usado por Nastácia ao referir-se à Dona Benta: *Sinhá*. “Pronome de tratamento” usado pelos escravos ao se referirem às brancas que, grande maioria das vezes, eram suas donas. Porém, essa é uma obra de 1933, 45 anos pós fim da escravidão. Naturalizou-se –então- o negro como propriedade -sem alma- mesmo depois de sua luta por liberdade?

— Lá vêm vindo eles, sinhá! e vêm puxando uma coisa esquisita... Quer ver que caçaram alguma paca? (pg 08)

Outra característica que aponta problemas na representação da personagem negra nesse- e em toda a narrativa Lobatiana-, é a insistência em demarcar ignorância tanto na fala quanto nas atitudes da personagem negra. É a única personagem na obra em que se grafa algum erro do português padrão, o que a diminui imensamente, já que até as crianças –aquelas que deveriam estar na fase de troca de letras e afins- falam “corretamente”, e a personagem negra, não.

— Corra, sinhá! — gritou para dentro. — Venha ver o “felômeno” que aconteceu com a criança. Está tudo pernilongo!...(pg 17)

A cozinheira tem pouca participação na trama, silenciada e sempre ocupada com seus afazeres domésticos. Quando fala, geralmente, anuncia a comida. Ou, ainda no nicho da ignorância, está em uma situação vexatória. É comum que Tia Nastácia não consiga realizar uma atividade simples para os outros moradores do Sítio, como:

Aí é que foi a dificuldade. A pobre negra era ainda mais desajeitada do que Rabicó e Dona Benta somados. Quando depois de inúmeras tentativas, ia se tentando sobre as pernas de pau, perdeu de súbito o equilíbrio e veio ao chão, num berro. Felizmente caiu sobre um varal de roupa e não se machucou. (pg 18)

Não há como dizer, neste caso, que a limitação para que realizasse a atividade fosse apenas a idade, já que é mais desajeitada que Dona Benta (também senhora) e, nem mesmo, o tipo físico, afinal ganha também de Rabicó. A única coisa que a diferencia desses personagens é a cor de sua pele, tão fortemente demarcada, já que é titulada como *Negra* em todo o decorrer da narrativa.

Outro entrave encontrado na obra, inclusive levantado por parte do parecer que motivou esse estudo, Tia Nastácia é comparada na obra a uma macaca, ofensa dolorosa ao povo de pele negra que acompanha bem o pensamento eugênico de Lobato, já que dá ao negro o caráter de raça primitiva e ao branco, obviamente, o de raça evoluída:

Sim, era o único jeito — e Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou que nem uma macaca de carvão pelo mastro de São Pedro acima, com tal agilidade que parecia nunca ter feito outra coisa na vida senão trepar em mastros. (pg 23)

Porém, segundo Marisa Lajolo o autor costuma vincular este xingamento a todos os personagens da obra, de fato, há nessa obra em questão o uso do termo “macacada” quando Pedrinho se refere a turma.

Sendo assim, não é difícil naturalizar em uma criança certos papéis social e espaços que podem ou não ser ocupados por pessoas negras.

Há as falas de Emília, que fogem do racismo velado de toda a obra, escancaradas, mas tão dolorosas quanto as outras:

— É guerra e das boas. Não vai escapar ninguém — nem Tia Nastácia, que tem carne preta. As onças estão preparando as goelas para devorar todos os bípedes do sítio, exceto os de pena. (pg 13)

A boneca diz explicitamente que a carne negra não serve nem mesmo para ser comida por onças, deixando entre linha que é uma carne ruim. Quem tem vivência sabe que “A carne mais barata do mercado é- e foi- a carne negra”, sendo assim manter determinadas falas, tanto velada quando cuspidas sem nenhum receio, na fase de formação de identidade pode ser problemático se não houver todo o cuidado.

## **2.2 Histórias de Tia Nastácia**

Breve resumo:

Histórias de Tia Nastácia narra um dia comum no Sítio do Pica Pau Amarelo em que as crianças estão interessadas em ouvir histórias. O diferente desta, é que não é Dona Benta quem começa com as narrações, e sim Tia Nastácia. Há, também, narrações de avó, mas essas são em menor número.

A ideia nasceu depois de Pedrinho perguntar à Dona Benta o significado da palavra “folclore”. Para o menino, tia Nastácia fazia parte do povo, então deveria saber contar histórias deste.

Em meio a contação há conversas entre os moradores do sítio.

### **2.2.1 Análise**

Uma das 23 histórias desenroladas no Sítio do Pica- pau Amarelo, Histórias de Tia Nastácia foi publicada em 1937 –posterior a caçadas de Pedrinho-

Obra que tem como objetivo retratar a cultura do povo brasileiro, uma história composta por narrativas folclóricas contadas por tia Nastácia. As narrativas relatadas estão na íntegra dentro da obra. O que é bastante interessante para a criança que a lê, pois este a coloca em contato com várias informações ao mesmo tempo e ainda a insere no Sítio, colocando-a junto com a turminha a ouvir os relatos da tia.

Outra técnica de inserção do leitor à narrativa é a linguagem que é dinâmica e simples- sem per simplista-.Esse dinamismo surpreendente entre leitor e acontecimentos fantasticamente reais é típico em Lobato. E, com o amadurecimento do tempo, dá um caráter sedutor maior a cada obra lançada.

### **2.2.2 Lugar do negro**

Diferentemente das outras obras de Monteiro Lobato, o lugar de tia Nastácia é outro na obra. A senhora sai da cozinha e ocupa o espaço que por vezes é ocupado por dona Benta, o de “contar histórias”.

Dessa forma, por hora pode se pensar que o livro se isenta da relação de poder da cultura branca à negras, comumente expressa na obra Lobatiana, Porém, essa análise pode ser apressada, pois o enredo apresenta alguns problemas no discurso em meio à “contação”.

Primeiramente, As conversas que intercalam as histórias são sempre tecendo algum juízo valor ao que foi contado. Emília, como sempre, traz comentários explicitamente racistas:

— Essas histórias folclóricas são bastante bobas —disse ela. — Por isso é que não sou "democrática !" Acho o povo muito idiota... (pg 13)

Desvalorizar o povo, usando a própria analogia feita por Dona Benta e Pedrinho de que o povo é a comunidade negra, é desdenhar uma cultura afro-brasileira, colocando-a por baixo da europeia. Inclusive em contrapartida às histórias contadas por tia Nastácia são levantados nomes de escritores –apontados como sublimes- como Lewis Carroll, James Barrie, Hans Andersen, todos estes europeus.

Não é apenas Emília quem rebaixa a oralidade de descendência africana, mas todos ditos cultos e letrados do Sítio, inclusive Dona Benta, que na obra ocupa um lugar de avaliadora do conhecimento de Nastácia e, também, do valor cultural que têm aquelas narrativas:

— E esta! — exclamou Emília olhando para dona Benta. — As tais histórias populares andam tão atrapalhadas que as contadeiras contam até o que não entendem. Esses versinhos do fim são a maior bobagem que ainda vi. Ah, meu Deus do céu! Viva Andersen! Viva Carroll!

— Sim — disse dona Benta. — Nós não podemos exigir do povo o apuro artístico dos grandes escritores. O povo... Que é o povo? São essas pobres tias velhas, como Nastácia, sem cultura nenhuma, que nem ler sabem e que outra coisa não fazem senão ouvir as histórias de outras criaturas igualmente ignorantes, e passá-las para outros ouvidos, mais adulteradas ainda. (pg 23)

Como pode ser visto na fala de Emília a cima, outro problema no discurso da obra é colocarem tia Nastácia no ato de contar histórias apenas como reprodutora, sem apresentar nenhum tipo de pensamento crítico. Diferentemente de Dona Benta que quando conta alguma história- como faz nessa narrativa- dá a essa sentido no ambiente social das crianças. E, ainda apresenta histórias concisas, diferente do tia Nastácia, que para as crianças conta histórias sem pé nem cabeça.

Para Raquel Afonso da Silva<sup>12</sup>, ao tartar histórias de tia Nastácia em “Lobato livro a livro”, fala que sucinta brilhantemente a análise do lugar do negro nesta obra, os resultados destes problemas não podem levar a nenhum lugar diferente do que o preconceito e a representação precária e pejorativa do negro e da cultura Afrodescendente:

Assim, da mesma forma que a negra cozinheira e a sábia avó não se igualam enquanto contadoras de história, também não se equiparam, na obra lobatiana, a cultura letrada erudita e a cultura oral popular. Se lobato subverte, em suas obras infantis, a hierarquia adulto/criança, o mesmo não sucede às hierarquias branco/negro, erudito/popular, letrado/oral.

---

<sup>12</sup> Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (2004), mestrado em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2006) e doutorado em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2009)



Criticar e problematizar obras com conteúdo racista é muito importante para um reestabelecimento do lugar de fala do povo Negro. Partindo da educação para que um dia cesse a descriminalização diária, tanto em âmbito privado, quanto em âmbito público e institucional.

A única maneira de se curar a doença do racismo é o conhecimento. Educação para uma tomada de consciência. Porém, somente a crítica não funciona para tal, ela precisa estar atrelada a uma boa, e real, representação do povo Negro dentro da escola. Por meio de todas as artes.

Regina Delcastagnè ao tratar da necessidade de representação aponta que:

O termo chave, neste conjunto de discussões, é “representação”, que sempre foi um conceito crucial dos estudos literários, mas que agora é lido com maior consciência de suas ressonâncias políticas e sociais. De fato, representação é uma palavra que participa de diferentes contextos – literatura, artes visuais, artes cênicas, mas também política e direito – e sofre um processo permanente de contaminação de sentido. O que se coloca não é mais simplesmente o fato de que a literatura fornece determinadas representações da realidade, mas sim que essas representações não são representativas do conjunto das perspectivas sociais.

Sendo assim, se o objetivo é falar de questões raciais dentro da escola, é necessário trazer a raça pra dentro desta, para que não seja necessária a representação partindo do olhar do outro, mas sim uma auto visão. Com foco aqui à literatura, porém cabe se pensar em outras artes.

Mesmo que a crítica literária defenda um purismo estético, em que na literatura não caberia tratar de gênero e raça, por exemplo, pois ela seria maior que qualquer questão social. Dessa forma a literatura de representatividade passa a ser vista como uma “literatura engajada”, e considerada menor. Eduardo de Assis Duarte<sup>13</sup> defende que:

A nosso ver, a ideologia do purismo estético, ela sim, faz o jogo do preconceito, à medida que transforma em tabu as representações vinculadas às especificidades de gênero ou etnia e as exclui sumariamente da “verdadeira arte”, porque “maculadas” pela contingência histórica.

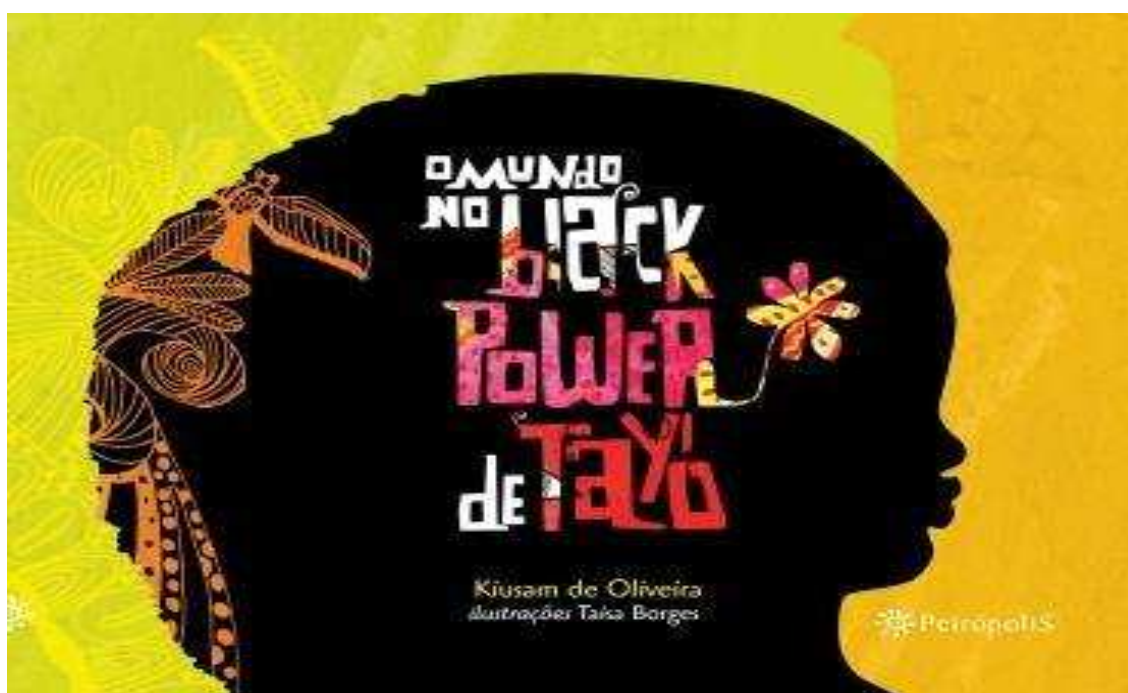
Afinal, sabemos que a pureza estética em questão tem raça, gênero e classe social, e nenhum desses calca-se na minoria.

Sendo assim, não há porque não trazer a representatividade para dentro da sala de aula. Tanto representatividade em conteúdo, quanto, e principalmente, por parte de quem escreve. Para que tomem um espaço de direito, o lugar de fala.

Esse estudo traz propostas de livros de literatura infantil representativos que podem ser usados junto a crítica já levantada.

### 3.1 - Propostas

O MUNDO NO BLACK POWER DE TAYÓ, KIUSAM DE OLIVEIRA



(Capa do livro)

---

<sup>13</sup> Possui graduação em Letras pela UFMG (1973), mestrado em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro (1978) e doutorado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela USP (1991)

Um livro que narra a história de uma menina negra com seus cabelos cacheados e crespos poderosos. Mostrando beleza, autoestima, poder e, o mais importante, resistência diante dos padrões que são impostos diariamente.

A ilustração da obra, feita por Taísa Borges, foge de traços estereotipados e grosseiros, que por vezes animalizam a raça, mas também não dá à ilustração aspecto europeu, como nariz fino e boca pouco carnuda. Mas sim características realistas.

Um livro lindo de representatividade. Que, como escrito por um pedagoga negra, apresenta às crianças um mundo de possibilidades, mostra a beleza existente nos cabelos da menina, e a sua satisfação por tê-los.

Mas vai para além do cabelo, afinal, não é só cabelo. A violência simbólica aos fios afro reflete-se na negação da beleza negra. Sendo assim, o livro tem um papel fundamental na construção do indivíduo livre das correntes, como perceber-se e reconhecer-se na literatura e, também, perceber o outro.

PRINCESA VIOLETA, VERALINDA MENEZE



(Capa do livro)

Uma história de princesa encantada como qualquer outra, cheia de sonhos e fantasias, porém diverge em alguns pontos, a princesa e, obviamente, personagem principal é negra, de cabelos cacheados e traços negros não estereotipados.

Além disso, as comparações feitas às características dos personagens negros são sublimes, assim como já temos na literatura peles que são tão brancas como a neve, aqui temos a pele de brigadeiro e os cabelos de caracol. Crescemos idealizando contos de fadas e princesas brancas, essa obra quebra o paradigma e traz representatividade.

Outro rompimento existente na obra é o da força que tem a princesa, mostrando que ser mulher não a impossibilita de ser inteligente e guerreira.

## CONCLUSÃO

O racismo é uma das maiores epidemias hoje no Brasil, tendo como resultado aos negros: subempregos; genocídio dos jovens; pouca escolaridade; uma beleza que não é reconhecida; um caráter sempre julgado; e, principalmente, uma história que é negada. Essa violência, oriunda de discursos e atos centenários, é reproduzida por vários meios, um deles é a Instituição escolar.

Cavalleiro aponta que a escola está:

repleta de práticas racistas, discriminatórias e preconceituosas, o que gesta, em muitos momentos, um cotidiano escolar prejudicial para o desenvolvimento de todas as crianças e adolescentes, em especial às consideradas diferentes – com destaque para os pertencentes à população negra.” (CAVALLEIRO, 1998)

Essas práticas apontadas pelo autor ainda persistem no ambiente escolar, mesmo estando em vigor a lei 10.639, de Janeiro de 2003:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Lei que tem como pressuposto usar a educação, desde as raízes africanas até os afro-brasileiros, para que haja uma representação do negro como dono de sua narrativa de luta e resistência possibilitando que os estereótipos se dissipem, porém não se mudou muita coisa dentro da sala de aula desde vigorada.

Os livros didáticos de geografia, por exemplo, não abarcam o continente africano da mesma maneira que os outros, este fica na superficialidade. A abordagem é tão pífia que não parece dá à África, nem mesmo, proporção de um continente.

Já nos livros de história é fácil aprender sobre a revolução francesa, mas são poucos os que levantam disputas como as por descolonização de países africanos. Na

história da escravidão os negros são sempre imóveis e estáticos, não há passagens de sua luta pela liberdade, mas sim a glorificação à princesa Isabel por ter os “libertado”.

O quadro literário das escolas brasileiras lida com obras que salientam ainda mais esses estereótipos antes apresentados, como as obras de Monteiro Lobato, sem o menor cuidado e trabalho acerca destas. Depreciando ainda mais a imagem dos Negros.

Dessa forma, a instituição escolar, que teria como objetivo tirar as pessoas da ignorância, continua firmando e naturalizando o racismo. Não há aqui a devesa de que todos que estudam imersos a essa estrutura se tornaram racistas, pois o ambiente externo ao da escola influencia a tomada de significados, porém a proposta é demonstrar que o discurso da escola, principalmente por ser visto como o dotado de conhecimento, tem um papel importantíssimo na manutenção de certas violências, neste caso, físicas e simbólicas.

É necessário que haja um replanejamento escolar que valorize a cultura, luta, ancestralidade, representação e lugar de fala do povo negro. Livros didáticos que abranjam da mesma maneira todas as partes do mundo. Que a história seja contada por quem, ou no viés de quem, realmente lutou e se manteve forte para se libertar. Que a literatura, já que na arte não cabe o veto, seja lida da maneira correta, com problematizações, críticas e desconstrução.

Para que isso possa acontecer as primeiras mudanças devem ocorrer nas Universidades. A formação dos professores é fundamental para esse processo de desconstrução. Afinal como falar de África se não se conhece África? Como falar de racismo se não se fala sobre racismo? Como trazer representatividade para sala de aula se não conhece esta?

Hoje, nas grades universitárias não se fala sobre nenhuma dessas questões. O professor chega completamente despreparado e raso acabando por levantar os temas de maneira superficial, na semana da consciência negra, mantendo o estereótipo vigente.

Sendo assim, a estrutura educacional precisa mudar por completo, desde a formação de professores até a logística da sala de aula, alterando assim materiais didáticos e apresentando releitura a obras literárias. Para que crianças negras e brancas compreendam que há cultura, força e tradição ao se tratar de África e Afro-brasileiros. E, além disso, fazer com que as crianças negras se reconheçam no espaço escolar e fora dela como qualquer outra criança.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. Literatura infantil: Gostosuras e Bobices. São Paulo, 1997.

DALCASTAGNÈ, R. ; Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, v. 20, p. 33-77, 2002.

DUARTE, E. A. ; Literatura afro-brasileira: elementos para uma conceituação. Acervo (Rio de Janeiro), v. 22, p. 77-90, 2009.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008

HABIB, P. A. B. B. ; Saneamento, Eugenia e Literatura no Brasil: Os Caminhos Cruzados de Renato Kehl e Monteiro Lobato. (1914-1926)?. In: II Workshop Internacional sobre Darwinismo Social y Eugenesia Ciencia e control social: biopolíticas y tecnologías del cuerpo en la modernidad.Unidad de Ciencias Humanas IIB- INTECH, 2006, Chascomús.Ciencia e control social: biopolíticas y tecnologías del cuerpo en la modernidad?, 2006. v. Único. p. 12-12.

LAJOLO, M; CECCANTINI, JOÃO. Monteiro lobato livro a livro: obra infantil. São Paulo. Unesp. 2008.

LOPES, ELIANE; GOUVÊA, MARIA. Lendo e escrevendo Lobato. Belo Horizonte.  
Autêntica. 1999.